

COMPLEMENTARIDADE NAS RELAÇÕES DE CASAL: UMA VIAGEM ATRAVÉS DA TEORIA E DA MÚSICA¹

SUMÁRIO

DE CONTOS DE FADAS E SONHOS	2
RELAÇÕES DE CASAL	4
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	7
Átomo social e átomo cultural	9
Transferência e Papéis	11
Vínculos	15
Inconsciente e co-inconsciente	20
Vínculos de casal	23
Simetria e assimetria nas relações de casal	26
DISCUSSÃO: COMPLEMENTARIDADE NAS RELAÇÕES DE CASAL VISTA A PARTIR DA UNIÃO ENTRE TEORIA E MÚSICA	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

DE CONTOS DE FADAS E SONHOS...

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado à **Casa das Cenas**, em 1997, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Psicodramatista.

Era uma vez uma adolescente, que um dia escreveu um anti-conto de fadas:

Penso que já fui criança um dia. Já li histórias de fadas (e acreditei nelas), já brinquei de “faz-de-conta”, já gostei de bonecas. Mas a verdade é que tudo isto me parece extraordinariamente longe. Às vezes penso até que foi outra pessoa que viveu minha infância. Ou que eu, versão moderna da Bela Adormecida, dormi cem anos. Só que desta vez não houve um príncipe para me despertar.

Onde estará o príncipe encantado, a fada bondosa que protegia os infelizes, o herói garboso que salvava donzelas indefesas e matava o dragão? O que foi feito dos doces sonhos que embalaram minha infância? E a menininha tímida e ingênua, que esperava ansiosa a vinda de seu príncipe, montado num cavalo branco?

É duro a gente descobrir que, quando a história de fadas diz “...e viveram felizes para sempre”, é exatamente aí que começam os problemas. E que os príncipes encantados são raros, e se preocupam mais com o cavalo branco que com as “pobres donzelas”. E que chega sempre a meia-noite em que a gente tem de despertar do sonho e não resta sequer um sapatinho de cristal para contar a história.

A menininha não pôde sobreviver a tudo isto. Morreu com os seus sonhos.

Essa adolescente era eu, e hoje penso que ela estava enganada: tal como na história de Branca de Neve, a menininha não havia morrido - estava apenas adormecida dentro dela, esperando um dia despertar para voltar a sonhar.

Acredito que foi aí que começou meu percurso como terapeuta de casal. A primeira tarefa foi resgatar dentro de mim aquela menininha, que adormecera envenenada, não por uma maçã, mas pela desilusão com as vivências de casal que observava à sua volta; pela revolta com a discriminação da mulher, e com os preconceitos e mitos que cercavam a sexualidade; com o valor dado ao dinheiro e às posses, em detrimento do afeto. Esse veneno estava também na crença, que as vivências citadas ajudaram a firmar, de que o casamento constituía um pacto de morte, e não um projeto de vida.

Esse resgate levou muitos anos, muitas experiências foram vividas, até que eu pudesse voltar a acreditar no amor e na possibilidade de um projeto de co-criação envolvendo um homem e uma mulher. Porém a ingenuidade e a ilusão da menininha foram temperadas com as experiências, às vezes dolorosas, da adolescente e da mulher, que hoje sonha, porém com os pés no chão. Tal como o deus de Moreno: de braço quebrado.

30 anos depois... uma cena de *play back*. Narro meu percurso como terapeuta de casal, que foi construído sobretudo no meu próprio casamento, nos encontros e desencontros do relacionamento amoroso com meu companheiro, nos embates e descobertas da vida em comum. Posso agora levar a outros casais um pouco do que fui construindo e aprendendo nesse percurso. Parece que um ciclo se fecha.

É disto que trata este trabalho.

RELAÇÕES DE CASAL

Entendo por *casal* a unidade formada por duas pessoas que se propõem a construir juntas um projeto de vida em comum (mesmo que seja em casas separadas), independente de aspectos legais. Entendo, ainda, que inclui a união entre pessoas do mesmo sexo, que hoje inclusive pleiteiam o reconhecimento legal dessa união para preservar alguns de seus direitos. No entanto, este trabalho limita-se à relação conjugal heterossexual, por ser a única que conheço, tanto de minha própria vivência quanto dos casais que atendo em psicoterapia.

Tanto nesse aspecto, quanto nos temas abordados, trata-se de um trabalho em aberto: muito ainda há para ser dito e descoberto, uma vez que a relação de casal constitui uma experiência riquíssima, que, profissionalmente, eu apenas começo a conhecer. Por outro lado, embora muitos psicodramatistas façam essa modalidade de atendimento, há poucas publicações sobre o assunto em enfoque psicodramático.

Gostaria, com este trabalho, de contribuir para a discussão de algumas questões ligadas à complementaridade nas relações de casal e à construção do saber nessa área tão fascinante. Os temas escolhidos são os que me captaram, me envolveram, me seduziram - frutos de minha união com o tema maior: casal. Espero e acredito que outros virão.

Faz parte também desse “casamento” a paixão pela música, pela poesia de compositores como Chico Buarque, que souberam como ninguém cantar o amor, a paixão, os encontros e desencontros da vida amorosa, e que de certa forma são co-autores deste trabalho; pena que a melodia não possa também ser

“ouvida” durante a leitura. Em homenagem a esses poetas, cito alguns versos de Tunai e Milton Nascimento:

*Certas canções que ouço
Cabem tão dentro de mim
Que perguntar carece
Como não fui eu que fiz.
Certa emoção me alcança
Corta minha alma sem dor
Certas canções me chegam
Como se fosse o amor.*

Ao relatar meu percurso como terapeuta de casal, comentei que este foi construído sobretudo no meu próprio casamento. Assim, acho que a co-autoria deve ser dividida também com meu marido, até na paixão pela música, que compartilhamos. Juntar teoria e música é uma viagem que fazemos juntos, um projeto de co-criação que não sabemos qual dos dois iniciou, ou se começamos ao mesmo tempo. A ele dedico esses versos de José Miguel Wisnick:

Sinto que fiz essa canção em parceria com você.

O fio condutor é a teoria psicodramática, enriquecida com as idéias de outros autores, de diferentes correntes teóricas, sempre que suas idéias me pareceram uma contribuição significativa ao tema.

O objetivo do trabalho, pois, é analisar alguns aspectos da complementaridade na relação de casal, através da união de teoria e música, em que a música entra como uma espécie de “comentário”, emprestando sua magia à aridez dos conceitos.

Faço também alguns questionamentos em relação à teoria psicodramática, em pontos que me parecem pouco claros ou contraditórios. Não tenho a pretensão de oferecer respostas para as questões que levanto, nem é este o objetivo do presente trabalho; espero apenas que elas sejam acolhidas e, quando possível, esclarecidas. Ou, quando não o sejam, que possam estimular um debate ou até, quem sabe, despertar em outros colegas o desejo de buscar respostas, contribuindo assim para o desenvolvimento da teoria.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A noção de complementaridade é central na teoria psicodramática, uma vez que integra o conceito de papel, considerado por Moreno (1993) como o mais importante fator individual na determinação da atmosfera cultural da personalidade. Define papel como “*os aspectos tangíveis do que se conhece como ego*” (p.214) e também como “*uma unidade de experiência sintética em que se fundiram elementos privados, sociais e culturais*” (p. 238). Acrescenta que o papel é uma experiência interpessoal: todo papel tem seu complementar ou contrapapel.

Naffah (1979) alerta para o fato de que a afirmação de Moreno quanto à importância dos papéis na cultura só faz sentido se não nos esquecermos de que “*essas formas relacionais estão circunscritas a um processo histórico e a uma estrutura social, política e econômica, de que são manifestações necessárias, consolidação do instituído*” (p.215).

Considero fundamental esse alerta de Naffah, uma vez que muitos profissionais de saúde mental tendem a adotar um modelo de “normalidade”, freqüentemente desconsiderando a realidade social. Por exemplo, muitas de nossas idéias sobre a família já não se aplicam, uma vez que essa assume uma multiplicidade de formas, não cabendo mais no “molde” da “sagrada família”, como a denominam ironicamente Deleuze e Guattari (1966) referindo-se à estrutura edípica. No que refere às relações homem-mulher, as mudanças são ainda mais rápidas, fazendo com que convivam modelos totalmente diferentes sobre o que constitui essa relação. O mais complicado é que essas diferentes visões muitas vezes coexistem dentro da mesma pessoa.

Ao mesmo tempo, a instituição família, como quaisquer outras, está atravessada por inúmeros fatores, econômicos, sociais, culturais, políticos, morais etc.

No vínculo de casal, que considero o mais significativo e mais complexo que duas pessoas possam viver, a complementaridade assume características bastante peculiares, e é um aspecto ressaltado nas diversas correntes teóricas que consultei sobre o tema: psicodramática (Bustos, 1990), sistêmica (Calil, 1987; Minuchin & Nichols, 1995), junguiana (Di Yorio, 1996) e psicanalítica (Calil, 1987). Como comentei anteriormente, a contribuição de outras teorias me parece enriquecedora para a compreensão do que se passa nessa relação, que se mostra ao mesmo tempo central e supervalorizada na vida das pessoas, porém encarada com muita ambivalência e ambigüidade.

Faço aqui um breve parêntese no tema “complementaridade”, para comentar o papel do atendimento a casais na história do psicodrama, bem como introduzir alguns conceitos psicodramáticos relacionados ao tema.

O trabalho com casais constitui um capítulo interessante na obra de Moreno: na história do psicodrama, o tão citado caso Bárbara representa um marco importante no processo em que o teatro da espontaneidade se converte em teatro terapêutico (Moreno, 1993); o caráter transgressivo da postura do inventor do psicodrama vai se manifestar também no trabalho com o “triângulo psicológico no casamento”, sendo que num caso Moreno (1974) chega a convidar a “outra” a participar da cena.

Em sua compreensão da dinâmica do vínculo conjugal, ele utiliza três conceitos que vão me interessar particularmente: “átomo cultural” (que diz

respeito aos papéis), “átomo social” (que se refere aos vínculos) e “co-inconsciente”.

Átomo social e átomo cultural

Eis como Moreno (1993) formula os conceitos de átomo social e átomo cultural:

Átomo social é “o núcleo de todos os indivíduos com quem uma pessoa está relacionada ao mesmo tempo ou que, ao mesmo tempo, estão relacionados com ela. É o núcleo mínimo de um padrão interpessoal emocionalmente acentuado no universo social.” (p. 239)

*Todo e qualquer indivíduo, assim como é foco de numerosas atrações e repulsões, também é o foco de numerosos papéis que estão relacionados com os papéis de outros indivíduos. Todo e qualquer indivíduo, assim como tem, em qualquer momento dado, um conjunto de amigos e um de inimigos, também possui uma gama de papéis e defronta-se com uma gama de contrapapéis. Eles estão em vários estágios de desenvolvimento. O padrão de relações de papéis em torno de um indivíduo, como seu foco, tem o nome de **átomo cultural** deste indivíduo. (...) Obviamente, o termo foi escolhido como correspondente de **átomo social**. O emprego da palavra ‘átomo’ pode ser justificado se considerarmos um átomo cultural como a menor unidade funcional num padrão de cultura.” (p. 404)*

Tanto o átomo cultural quanto o átomo social de um indivíduo sofrem grandes modificações quando ele se casa. Novos papéis se agregam ao átomo cultural,

enquanto outros podem ser inviabilizados; da mesma forma, constroem-se novas relações e impossibilitam-se algumas das antigas.

Moreno observa que uma peculiaridade da situação conjugal é que os participantes muitas vezes acreditam poder preencher todos os papéis significativos na vida do outro. Pode-se acrescentar que essa crença se estende ao vínculo: pensam bastar-se um ao outro. Há pessoas que chegam a abandonar os amigos, na ilusão de que o companheiro possa “preenchê-lo” afetivamente. Outros esperam que o parceiro o acompanhe sempre a todos os lugares, levando a um esforço inútil e desgastante no sentido de conciliar interesses inconciliáveis: para ficar em exemplos bastante óbvios, quantas mulheres não se entediam em partidas de futebol que detestam, e quantos homens não bocejam assistindo a filmes românticos quando só apreciam os de aventura? Este esforço chega a tal ponto, que mesmo em casa eles se obrigam (ou obrigam o outro) a acompanhá-lo nessas preferências, como é o caso de uma amiga que, por exigência do marido, assistiu inúmeras vezes a uma fita que detestava, numa curiosa concepção do vínculo como uma “comunhão de almas”, que magicamente, a partir do “sim”, passam a compartilhar os mesmos gostos e hábitos e para quem a menor tentativa de independência é vivida como traição.

É evidente que essa dupla crença (de “bastar” ao outro, seja a nível dos papéis ou dos vínculos) contribui para empobrecer o átomo social e cultural dos dois parceiros, além de se constituir num fator que certamente dificultará tanto a realização individual quanto o sucesso do casamento. Por outro lado, se o casal restringe excessivamente os papéis que compartilha, estará empobrecendo o vínculo conjugal. Assim, o desafio é encontrar um equilíbrio entre os dois extremos.

Considero muito curiosa essa peculiaridade da situação conjugal, denunciada por Moreno, e que inclusive é amplamente reforçada socialmente. Acredito estarem subjacentes a ela, entre outros fatores: a ilusão de completude inerente à paixão, e o caráter do contrato conjugal, que parece constituir-se, antes de mais nada, num contrato de posse, e engloba até mesmo o direito sobre os pensamentos e desejos do outro. Este segundo aspecto será abordado no item **Simetria e assimetria nas relações de casal.**

Quanto à busca de completude e fusão, esta parece originar-se das primeiras vivências do bebê, na matriz de identidade, quando experimenta a mãe como sendo parte dele mesmo, numa relação de total dependência (Moreno, 1993). Acreditar que o parceiro possa preencher todas as nossas necessidades e desejos é voltar a essa relação inicial com a mãe, buscar o “paraíso perdido”, quando a onipotência do bebê e sua incapacidade de separar fantasia e realidade lhe permitiam viver em união total com a mãe. Trata-se, pois, de um fenômeno transferencial; para melhor compreendê-lo, recorro a alguns conceitos de Bustos.

Transferência e Papéis

Bustos (1990) observa que, os papéis existindo desde o nascimento, os pais são os *complementares primários*. A partir da vivência com esses primeiros personagens que contracenam conosco, vão-se configurando *clusters* ou cachos de papéis, que se agrupam segundo sua dinâmica: “*o primeiro depende do complementar materno, responsável por funções de dependência e incorporação; o segundo depende do complementar paterno, gerando a matriz dos papéis ativos. Ambos têm como complementar único: mãe e pai ou os adultos que desempenham esse papel*” (p.76). Mais tarde, na relação com

irmãos ou companheiros, aparece o terceiro *cluster*, que determinará as relações de paridade. Essas dinâmicas básicas vão constituir possibilidades alternativas no desempenho de todos os papéis.

No decorrer de seu desenvolvimento, a criança aos poucos se desprende dos complementares primários para admitir outros papéis complementares. Se ela não encontra as condições de segurança necessárias a essa separação, irá se apegar ao complementar primário, configurando o que Bustos denomina *complementar interno patológico*, que descreve a dinâmica subjacente à transferência. *“Esse papel complementar bloqueia em diferentes graus a relação com outros adultos, ficando como parte constitutiva permanente dos vínculos que entabula nos papéis que correspondam a esse cluster. Quanto mais massiva for essa circunstância, maior o grau de incapacidade relacional de uma pessoa, menor sua capacidade de reações espontâneas, por conseqüência maior ansiedade.”* (p.77)

Bustos, portanto, relaciona a transferência aos papéis, da mesma forma que Moreno (1983). Este afirma: *“a transferência não ocorre em direção de uma pessoa em geral ou de uma Gestalt vaga, mas sim em direção de um “papel” que o terapeuta representa para o paciente: papel paternal, maternal, papel de um homem culto que sabe tudo, de amante, de cavalheiro, de indivíduo perfeitamente ajustado, de um modelo de homem etc.”* (p. 23) .

Curioso observar que, ao exemplificar os papéis, Moreno extrapola o próprio conceito, aí incluindo aspectos subjetivos, e não apenas os papéis manifestos em que os membros da díade atuam. Parece, assim, aproximar-se dos conceitos de Pichon-Rivière (1982b), quando se refere às projeções do paciente no processo transferencial, ponto que desenvolverei melhor na próxima seção.

Por outro lado, traz uma idéia de papel como composto por vários personagens. Bustos define os vínculos como unidades de interação, enquanto os papéis são os polos individuais dessa interação. Parece-me, no entanto, que a nível subjetivo essas unidades desdobram-se em multiplicidades, correspondendo às forças caóticas do inconsciente, aspecto este que está presente na exemplificação dada por Moreno

Ao relacionar a transferência aos papéis, as idéias de Moreno aproximam-se, pois, das de Naffah (1994), quando este sugere que *“um papel social é formado por várias personagens que se alternam, se constroem e se desmancham como figuras de um caleidoscópio e que, nesse movimento, constituem coreografias típicas. Assim, por exemplo, no papel social de mãe podem concorrer várias personagens: ‘o útero’, ‘o seio’ são exemplos de personagens que se formam ancoradas nas funções biológicas; ‘a fada’, ‘a bruxa’ são, por sua vez, originárias do repertório cultural. Isto não significa, absolutamente, que existam personagens puramente biológicas ou puramente simbólicas, mas que todas elas se formam nessa articulação entre o bio-fisiológico e o simbólico-cultural, podendo, entretanto, conter proporções diferentes desses dois registros na produção da sua forma. A forma da personagem-máscara é, por sua vez, sempre provisória e mutante.”* (p.74)

Essa multiplicidade que habita o ser humano, e que entendo estar na base da teoria moreniana da espontaneidade, leva-me a questionar o agrupamento dos papéis em cachos, decorrentes das vivências mais primitivas da criança na família, conforme exposto no início deste tópico. Não será efetuar a mesma simplificação, que Naffah (1991) atribui à psicanálise, de tentar, através do esquema edípico, cobrir uma realidade muito mais rica e multifacetada? Não é cair no mesmo familialismo, que Deleuze e Guattari denunciam naquela teoria?

Trata-se de uma questão muito ampla e complexa, envolvendo, entre outros aspectos, o papel que a família ocupa nas diferentes sociedades. Seu aprofundamento foge ao escopo do presente trabalho. Assim, vou-me limitar a recortar algumas idéias de Naffah, remetendo os interessados num maior aprofundamento aos autores citados.

O que Naffah (1991) denuncia é que *“nessas simplificações nunca se considera a importância da babá, da creche, da escola maternal, dos irmãos, tios, avós, vizinhos ou mesmo da televisão que, hoje em dia, desde muito cedo, constitui uma força fundamental na produção da subjetividade infantil”* (p.48). E acrescenta: *“Isso não quer dizer que pai e mãe não sejam importantes. Deles virá o primeiro contato com o masculino e o feminino como as duas grandes potências da vida, por eles passa a aprendizagem da continência aos afetos, a experiência dos limites e tantas coisas mais. Mas junto deles estão inúmeros outros agentes socializadores, a realidade onde habitam é mais variada e polivalente do que se quer supor.”* (p.52)

Penso que, se levarmos em conta a complexidade e as múltiplas facetas da realidade, da qual os pais são apenas uma parte, nossa prática como psicodramatistas sofre uma grande mudança. Não estaremos sempre em busca da “cena original” ou das origens primitivas dos fenômenos observados, que acaba nos levando à transferência. A realidade ultrapassa, e muito, a transferência. Não é curioso que o psicodrama, que tanto buscou se diferenciar da psicanálise, acabou se aproximando dela no que tem de mais característico e, quando tomado literalmente, reducionista?

Vínculos

Bustos aponta uma convergência das formulações de Moreno e Pichon-Rivière sobre o tema. O último (Pichon-Rivière, 1982b) define vínculo como um tipo particular de relação de objeto. A relação de objeto é a estrutura interna do vínculo; este inclui também a conduta. *“Temos dois campos psicológicos no vínculo: um externo e outro interno. Aquilo que mais nos interessa do ponto de vista psicossocial é o vínculo externo, enquanto que, do ponto de vista da psiquiatria e da psicanálise, aquilo que mais nos interessa é o vínculo interno, isto é, a forma particular que o eu tem de se relacionar com a imagem de objeto colocado dentro do sujeito.”* (p. 37)

A formulação de Bustos, de *complementar interno patológico*, aproxima-se muito deste conceito de vínculo interno. Sobretudo acrescentando-se as considerações que se seguem.

Para Pichon-Rivière, todos os vínculos se estabelecem em função de outros vínculos condicionados no sujeito e que, acumulados nele, constituem o que se denomina inconsciente. Referindo-se à relação com o analista, acrescenta: *“através da transferência, é possível reviver o vínculo primitivo que o paciente tem com sujeitos primários, de sua primeira época de vida. Desse modo, é possível retificar a natureza dessa imagens e fazer a aprendizagem da realidade, a aprendizagem em sentido geral”* (p.51).

Freud (1976) observa que a transferência não surge apenas na análise, mas faz parte das relações humanas, sendo proporcionalmente mais intensa quanto mais neurótico for o sujeito. Influi igualmente nas escolhas que fazemos em todos os âmbitos da existência, inclusive o amoroso.

Essas formulações apontam, não apenas uma convergência entre as idéias de Pichon-Rivière, Moreno e Bustos, como também sugerem certa confusão na conceituação de papel e vínculo na teoria psicodramática. Como observei anteriormente, o conceito de “*complementar interno patológico*”, de Bustos, é semelhante ao de vínculo interno, de Pichon-Rivière. Ao falar de transferência nos papéis, como no exemplo acima, Moreno parece estar se referindo à projeção, ou seja, à subjetividade, e não aos aspectos observáveis da conduta, conforme sua própria definição de papel.

A meu ver, essa mesma confusão surge quando, ao apresentar uma tipologia dos vínculos conjugais, Bustos (1990) classifica-os de acordo com os *clusters*. Por exemplo, ao caracterizar o vínculo tipo **espelho**, o autor afirma que “*o papel de casal está ancorado no ‘cluster’ materno, dependente, onde o outro é tão-só considerado em função de si mesmo*” (p.92). Não será o **vínculo** que está aí ancorado? Se fosse outro o parceiro, o mesmo papel não poderia ser vivido de forma diferente?

Já Aguiar (1990) conceitua papéis como “*sistemas pluri-unívocos de expectativas, multilateralmente confirmadas, que balizam a complementaridade das ações executadas pelos parceiros, em função de um objetivo comum*” (p.51), enquanto os vínculos seriam as reciprocidades e incongruências que se verificam nas escolhas feitas a partir de um critério dado. Seu conceito de papéis não se confunde com o que foi acima definido, de acordo com Bustos, como **vínculos**?

Aguiar parte da metáfora de Moreno - “a vida é um imenso teatro” - para discussão do conceito socionômico de “vínculo”. Considera que, tal como no teatro, uma intervenção que vise restabelecer o fluir do drama exige que se “*analise o ‘projeto dramático’ (‘critério’ do teste sociométrico) e os*

vínculos estabelecidos (reciprocidades e incongruências), verificando-se a compatibilidade destes com aquele” (p.51). Essa análise, ainda de acordo com o referido autor, exige que se diferenciem três tipos de vínculos: atuais, residuais e virtuais.

O *vínculo atual* é o que se verifica nas relações concretas, cujo “projeto dramático” é definido pelo papel, ou seja, pelos objetivos convencionados, implicitamente ou explicitamente, pelos parceiros.

Os *residuais* são vínculos vividos no passado e que se encontram desativados, existindo somente no plano da fantasia; alguns permanecem apenas como lembranças; outros, porém, se perpetuam, constituindo modelos relacionais. Alerta, porém, para o fato de que não se limitam à matriz de identidade.

No âmbito de que trata esse artigo, vejo como exemplo de vínculo residual de condicionamento menos precoce o de uma relação amorosa vivida intensamente, porém interrompida por circunstâncias trágicas, como a morte de um dos parceiros, e que permanece como um fantasma inviabilizando ou dificultando outros vínculos.

Os *vínculos virtuais* são aqueles “*que o sujeito estabelece com objetos/personagens imaginários ou míticos (como o ‘príncipe encantado’, por exemplo), ou muito distante de sua realidade concreta, embora reais (um ídolo artístico ou político, por exemplo)*” (p.60-61).

Uma outra forma de vínculo virtual a que se refere o autor é o modelo relacional ideológico, que a pessoa aprende e apreende no decorrer da vida, através de uma doutrinação sutil.

Será que esses modelos não se referem às prescrições de papéis, antes que a modalidades de vínculos? Por exemplo, na relação conjugal, observa-se a prescrição de condutas bastante diferenciadas e estereotipadas para o homem e a mulher dentro do casamento, contribuindo para atritos, frustrações e dificultando o desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo, muitas vezes independentes do gênero a que pertence. Não se trata aqui de um “modelo relacional ideológico”? E este, a meu ver, remete às prescrições de papel, uma vez que cada vínculo pode produzir diferentes configurações, abrindo maior ou menor espaço para a espontaneidade dos parceiros envolvidos. Não seriam esses os elementos culturais do papel, a que se refere Moreno (conforme a parte inicial dessa **Revisão Bibliográfica**)?

Em síntese, não é clara a distinção entre vínculo e papel. Trata-se de um ponto que, a meu ver, mereceria um maior aprofundamento; fica a sugestão para outros autores.

Voltando à diferenciação proposta por Aguiar entre os três tipos de vínculo, podem-se facilmente visualizar os problemas que, na relação de casal, surgem nesses vários níveis. Um exemplo bastante comum, quanto ao “projeto dramático”, é quando um dos cônjuges se casa por amor e o outro busca apenas alguém que o sustente ou cuide dele. No que se refere aos vínculos virtuais, o mais marcante é o do “príncipe encantado”. Muitas mulheres vivem a relação com sua família de origem como uma prisão, e sonham com um príncipe que virá libertá-las; modernamente, poderíamos pensar nos personagens de novelas ou nos ídolos que a mídia permanentemente consagra, idealizados como “o amante perfeito”. Como o parceiro nunca se igualará a esse personagem sonhado, o desencontro será inevitável. O exemplo de vínculo residual foi dado acima.

Um outro aspecto que eu gostaria de discutir é que, se a transferência constitui um fenômeno sempre presente nos vínculos, será que se pode considerá-la patológica, como sugere Bustos, a partir de Moreno, que classifica a transferência como a patologia da tele?

Perazzo (1994) observa que *“a transferência está presente em qualquer processo de co-criação, não sendo necessariamente obstrutiva ou paralisadora, mas, muitas vezes, se constitui até como aquilo que movimenta essa co-criação, em razão da feição particular que adquire uma dada complementaridade de papéis, na própria ação de seu desempenho, viabilizando um projeto dramático manifesto (co-consciente) pela impulsão co-inconsciente de um projeto dramático latente”* (p.53).

Assim, considero que o patológico dependeria da forma como a transferência se manifesta no vínculo. Para melhor compreender esse movimento, valho-me dos conceitos de Pichon-Rivière (1982.a) sobre saúde e doença, entendidas, respectivamente, como adaptação passiva e ativa à realidade, e relacionadas ao processo de aprendizagem e comunicação. *“O sujeito estabelece uma relação dialética com o mundo e transforma as coisas, de coisas em si em coisas para si. Através de uma práxis permanente, na medida em que ele se modifica, modifica o mundo, em um movimento de permanente espiral.”* (p. 140) *“A doença implica numa perturbação do processo de aprendizagem da realidade, num déficit no circuito de comunicação, processos estes (aprendizagem e comunicação) que se realimentam mutuamente.”* (p.144)

Em idéia muito próxima à de Pichon-Rivière, Júlia Motta (1995) fala de *repetição circular* e *repetição em espiral*. Para essa autora, a repetição é uma

necessidade do homem na construção de uma verdade interna. O adoecer ocorre quando ele repete sem sair do lugar, voltando sempre ao mesmo ponto, bloqueando a própria capacidade criativa. Na repetição em espiral, porém, “*enquanto repete, vai caminhando dentro de si, se reconhecendo e ampliando limites*” (p.73).

A transferência constitui uma forma de repetição, uma tentativa reiterada de resgatar algo já vivido ou apenas sonhado. Porém, muitas vezes ela se faz necessária, como uma etapa na construção de um vínculo espontâneo e criativo, ou até como momentos na vida de um casal.

Inconsciente e co-inconsciente

O conceito de co-inconsciente, embora central no psicodrama, foi pouco desenvolvido na obra de Moreno. Além de breves referências em outros textos, ele é abordado mais extensamente em dois livros: “*Fundamentos do Psicodrama*” (1983) e “*Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*” (1974), em que Moreno se detém mais na apresentação das “técnicas de análise interpessoal”, que considera úteis para se elaborar uma ponte entre inconscientes, do que no conceito propriamente dito. O conteúdo dos dois textos é praticamente idêntico, e pouco esclarecedor quanto ao conceito em questão. Outros autores (como Naffah, 1991 - tratando do inconsciente, Perazzo, 1994 e Volpe, 1990) vieram a desenvolvê-lo posteriormente.

Para Moreno (1983), *"existe uma área localizada entre o indivíduo singular e agrupamentos promíscuos de indivíduos dotada de uma privacidade peculiar, a saber, o conjunto **altamente estruturado** de pessoas vinculadas por elos de tradição ou emocionais de longa duração, tais como cônjuges, membros de uma família, amantes, amigos íntimos, sócios comerciais"*. (p.59)

Considera que *"o dilema a ser superado é a antítese natural entre o inconsciente individual (e coletivo) de A e o inconsciente individual (e coletivo) de B"* (p. 65), questão essa particularmente importante quando o terapeuta lida com conflitos de duas ou mais pessoas interligadas, tornando-se indicado que sejam tratadas em conjunto. Chama de **"co-inconsciente"** o conteúdo comum desenvolvido por pessoas que vivem em íntima simbiose.

Em *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama* (1974), Moreno se alonga um pouco mais sobre este assunto. Afirma que *"mães e casais, membros de uma família, dois amorosos, amigos e antigas relações profissionais e outros grupos ligados intimamente têm uma forma comum de se entender em silêncio. (...) É como se, ao longo dos anos, tivessem desenvolvido uma longa e delicada cadeia de estados relativamente inconscientes. (...) Parecem compartilhar o estado que eu chamei de 'situações comuns conscientes e inconscientes'."* (p. 73)

Volpe (1990) propõe uma concepção mais ampla de co-inconsciente. Partindo do conceito moreniano de papéis, sugere que estes podem ser entendidos como estruturas que envolvem uma memória histórica da qual somente uma pequena parte acede à nossa consciência. Seriam ainda, segundo Naffah (1979), *"os nós de uma rede no interior dos quais se camufla o Drama coletivo. É a partir deles que se pode ter acesso à dinâmica microssociológica de todo o processo social."* (p. 79)

A concepção moreniana do homem, na compreensão de Volpe, aproxima-se da do herói trágico: um ser em relação, que vive a ambigüidade e a tensão constantes do papel social ao qual está preso, e um movimento em direção à liberdade, que ele denomina *espontaneidade criadora*. Qual Édipo moderno, “o homem está lançado no palco de sua existência buscando realizar um ‘script’ que lhe foi entregue na entrada do teatro de sua vida e mesmo antes. Participar desse Drama é reconhecer-se integrante de uma trama cujo sentido escapa sempre, entrar num ‘fala’ deixada por outrem, estruturada ao longo das gerações (pais e avós) e, posteriormente, transmitida aos descendentes, através da linguagem e das redes de papéis sociais.” (p. 78-9)

A família, para Volpe, é o *locus* onde a criança viverá os primeiros conflitos que, cristalizando-se, serão reproduzidos em outros contextos sociais. O psicodrama tem como função desvendar a dinâmica papel-contrapapel e revelar os padrões inerentes à cultura que levam à manutenção do sistema e do *status-quo* nas condutas de cada um, significando a “possibilidade de *desmascaramento e descristalização dos modelos de reprodução social e política operados pela família e outras instituições sociais*” (p.79).

A partir de todas essas idéias, ficam-me quatro concepções de co-inconsciente, que no entanto estão imbricadas:

- Vivências que a pessoa traz a partir de sua história familiar; esta por sua vez reproduz os padrões socioculturais;
- Vivências comuns a pessoas de uma mesma cultura, que são transmitidas privilegiadamente pela família, mas também por outras instituições;
- Vivências comuns a pessoas que mantêm relações afetivas próximas (casais, amantes, membros de um grupo);

- Vivências resultantes de um estado de espontaneidade grupal, que pode ocorrer mesmo entre pessoas que não se conhecem e compartilham um “ato terapêutico” ou outro fenômeno grupal intenso.

Será que essas diversas formas de conceber o co-inconsciente são compatíveis entre si, e com a teoria psicodramática?

Pode-se dizer que o inconsciente individual, a rigor, não existe. Mesmo se pensarmos que há aspectos característicos do indivíduo, que fazem com que cada um viva de forma diferente a interação com as forças sociais e ambientais que o cercam, o coletivo, representado pela família e a cultura, estarão sempre presentes. Nesse sentido, torna-se difícil separar o co-inconsciente do inconsciente.

Vínculos de Casal

O único livro publicado sobre esse tema no Brasil, em enfoque psicodramático, é o de Bustos, citado anteriormente. O autor já abordara o assunto num capítulo de seu livro **Novos Rumos em Psicodrama**, em que apresenta vários conceitos, sobretudo ligados à complementaridade no vínculo de casal, exemplificando-os através de casos. Porém, como o foco do referido capítulo é a psicoterapia psicodramática de casais, vou-me limitar ao livro, que inclusive amplia os conceitos ali apresentados.

Na primeira parte, Bustos (1990) aborda os mitos que cercam o vínculo conjugal, começando na mitologia grega, passando por Adão e Eva, até os mitos atuais e sexuais. Traça a genealogia do amor, através do mito de Eros,

do qual destaca a fusão de amor e ódio, de vida e morte; e a diferença do amor em sua natureza masculina, que deve ser visto como um ser ameaçador e dominador, e feminina, em que se mostra vulnerável, inefável e belo. Na Bíblia, descobre duas versões para a origem do homem e da mulher - na primeira, Adão e Eva foram criados ao mesmo tempo e do mesmo material; na segunda, cabe à mulher um papel auxiliar e secundário. Em ambas as versões, no entanto, está reservado a ela um papel transgressor.

Mostra como esses mitos continuam vigentes, não obstante as mudanças vertiginosas com que convivemos na atualidade. O domínio da mulher pelo homem faz com que ele tenha de ocultar sua fragilidade e ela, suas forças, levando à hipocrisia e à negação, e à continuidade da guerra... A sexualidade e a agressividade continuam condenadas, e a transgressão tem um alto preço: a culpa. O ideal do casal como um dos pilares da sociedade encontra-se já no Evangelho, criando o pânico da solidão, que por sua vez leva ao mito de pertencer. Os preconceitos religiosos e morais continuam impedindo a espontaneidade no encontro sexual. Todos esses mitos vêm sendo questionados, porém ainda têm grande força.

Na segunda parte aborda os conhecimentos, tendo como referencial a sociometria de Moreno. Passa pelos princípios básicos da sociometria: encontro, configurações sociométricas, vínculos e dinâmica vincular (espontaneidade, tele e transferência) e da teoria dos papéis, citados acima, nos itens sobre transferência, vínculos e papéis. Finalmente, constrói uma tipologia dos vínculos, de acordo com sua modalidade operativa, segundo o mecanismo de comportamento predominante. Classifica-os em: espelho, duplo, antropofagia, desconfiança, irreflexão, sofrimento e culpa, controle, e atores.

Considerando a importância dos fatores inconscientes na dinâmica conjugal, penso que seria útil recorrer à teoria de relações objetais, de Klein, Winnicott e outros, para enriquecer a compreensão dessa dinâmica. Não vejo incompatibilidade entre essa visão e a do psicodrama, pelo contrário, parece-me que são complementares. Sobretudo quando se trata do trabalho com casais, em que a escolha do parceiro e a manutenção do vínculo estão fortemente relacionadas à transferência. A tipologia feita por Bustos, na patologia dos vínculos, aproxima-se muito da que apresenta Calil (1987) a partir da teoria de relações objetais, o que exemplificarei no próximo capítulo.

Calil faz um interessante levantamento do estágio atual da terapia familiar e de casal nos Estados Unidos e na Europa, indicando a importância que a teoria de relações objetais tem assumido nesse trabalho. A abordagem psicanalítica com casais envolve dois princípios básicos: 1) que a atração entre os cônjuges não se fundamenta somente nos aspectos “bons” de cada um deles, mas também numa percepção inconsciente; e que a escolha é feita, geralmente, a partir de uma complementaridade, um “encaixe” das personalidades dos cônjuges; 2) que o casamento é uma tentativa, mesmo que fracassada, de lidar com o passado e continuar a crescer e desenvolver-se.

Numa visão bastante convergente com a de Calil, Di Yorio (1996), psicodramatista e analista junguiana, diz: *“no plano inconsciente, o outro, geralmente, é o correspondente de uma imagem preexistente na psique, como uma peça de teatro já escrita, em que o personagem estivesse à espera do ator”* (p.18).

Essa característica, porém, se constitui um complicador, por reativar fontes primárias de ansiedade, por outro lado torna esse vínculo potencialmente muito rico. Ainda segundo a mesma autora, a relação conjugal constitui uma ponte

para o inconsciente. *“As fantasias correspondentes ao parceiro idealizado (...) dirigem o indivíduo na busca de alguém que pode representar uma promessa reparatória de vivências passadas (...). Trata-se aqui de uma forma de projeção defensiva da psique. Por outro lado, a escolha desse alguém pode representar um caminho criativo para o desenvolvimento mútuo das personalidades envolvidas.”* (p.21)

A posição de Calil e Di Yorio mostra-se também em acordo com o que sugere Perazzo (1994), de que a transferência pode contribuir para um projeto de co-criação. Concordo inteiramente com essa posição, razão pela qual considero a terapia de casal um recurso extremamente poderoso, não só para a transformação do vínculo, mas também para o crescimento de cada um dos envolvidos. Trata-se de uma oportunidade extraordinária de trabalhar “ao vivo” com os conflitos e crenças mais primitivos, atualizados na relação do casal.

Um outro aspecto abordado por Bustos é a da simetria e assimetria nos vínculos. Este ponto parece-me tão importante no vínculo conjugal que vou abordá-lo separadamente.

Simetria e assimetria nas relações de casal

Vínculo de casal: simétrico ou assimétrico? Bustos (1990) propõe que vínculos simétricos são aqueles que se podem designar com um termo único: por exemplo, irmãos, amigos, namorados, amantes; e assimétricos os que demandam dois termos para sua designação, e que supõem diferentes níveis de responsabilidade: terapeuta-paciente, professor-aluno, pai-filho.

O vínculo de casal é, pois, simétrico - pode ser designado com um único termo: *cônjuges* ou *esposos*. Cônjuges??!!! Alguém utiliza essa expressão na linguagem cotidiana? Somos antes... marido e mulher (como na fórmula do casamento religioso), ou Sr. e Sra. Fulano de Tal, como nas colunas sociais. E aí a situação se complica.

Curioso observar que o papel do homem no vínculo conjugal é designado por um termo específico: *marido*; já o da mulher confunde-se com o papel de gênero. De acordo com Bleichmar (1988), papel de gênero “*é o conjunto de expectativas acerca dos comportamentos sociais apropriados para as pessoas que possuem um sexo determinado.*” Ainda segundo essa autora, “*o estereótipo feminino em nossa sociedade sanciona como pertinentes ao gênero - quer dizer, com características positivas - uma série de condutas que, ao mesmo tempo, possuem uma baixa estima social (passividade, temor, dependência)*” (p.38). Ao homem são atribuídas características opostas: força, coragem, autonomia. Observa ainda a autora que os estereótipos estão de tal forma arraigados que chegam a ser atribuídos a fontes biológicas.

Poder-se-ia argumentar que a língua portuguesa tem mesmo dessas coisas... porém todos sabemos que a linguagem não é neutra. Nesse caso, reflete a hierarquia que se estabelece no vínculo conjugal, e que provavelmente é marca de sua origem.

Marilena Chauí (1984) traça um histórico do casamento que nos dá algumas indicações dessa origem. O casamento foi considerado pela Igreja, durante um longo período, como um mal necessário, um remédio para a luxúria dos homens: se o ideal da castidade não pode ser alcançado, que se estabeleça um controle dela através do casamento - e nesse, a mulher se submete ao homem. Submissão essa que, como nos mostra Bustos, já se revela nos mitos da origem

do homem, em que a mulher é criada a partir de uma costela de Adão, sendo culpada pelo pecado original e a queda do Paraíso. Esse mito acaba se perpetuando através da própria ciência. Mesmo Freud, que revolucionou a visão de sexualidade, revela seu preconceito ao considerar a mulher como um “macho castrado” e postular que o superego feminino é mais frágil que o masculino.

Hoje, a religião perdeu muito de sua força na determinação dos costumes e a ciência reviu seus conceitos quanto à desigualdade entre os sexos. No entanto, a força da conserva cultural permanece no cotidiano das relações homem-mulher.

Muitas das reflexões que se seguem estão em consonância com o texto de Naffah (1980), “*O Drama na Família Pequeno Burguesa*”, o que só fui identificar após tê-las escrito. Assim, torna-se difícil separar a autoria - fica o registro de que, possivelmente, o texto citado influenciou minhas próprias reflexões.

A assimetria supõe uma hierarquização - na relação de casal, um jogo de poder. Poder esse que, apenas ilusoriamente, parece se concentrar na figura masculina. A mulher encontrou formas de driblar essa situação e, mesmo quando aparentemente vítima, também detém poder. O próprio lugar de vítima já lhe permite manter controle sobre a situação - o prisioneiro está tão preso quanto seu carrasco.

É ela ainda a “rainha do lar”; mesmo que o papel de dona de casa tenha perdido status, a mulher parece lutar com unhas e dentes para manter sua parcela de influência no espaço doméstico. É ela quem determina o lugar que o

homem pode ocupar nesse espaço. A maioria dos homens, na verdade, prefere nem ocupá-lo, dando margem à queixa sempre reiterada de dupla jornada para a mulher. Porém, ao mesmo tempo, a mulher estabelece uma dominação sutil, na medida em que desqualifica todo o “trabalho doméstico” masculino, seja no cuidado dos filhos, na cozinha, na arrumação da casa.

A educação das crianças também é prerrogativa feminina. E assim, sua influência se amplia - ela se responsabiliza pela formação inicial de homens e mulheres, que por sua vez irão depois moldar o mundo, a sociedade, a economia, a política etc.

O poder da família... E este se concentra sobretudo em mãos femininas. O machismo, do qual tanto nos queixamos, é disseminado inicialmente... pelas próprias mulheres. São elas que determinam as tarefas domésticas, e dessas os meninos quase sempre são excluídos, preparando-os para o papel que mais tarde desempenharão como maridos. A educação sexual, fortemente diferenciada para homens e mulheres, também tem origem no olhar da mãe, nas regras que essa estabelece, plantando a semente da discriminação sexual, que evidentemente será fortalecida pela percepção, que a criança logo terá, da maior valorização dada ao homem na sociedade em que vivemos.

Um outro aspecto, igualmente significativo nessa sociedade capitalista, é o sentimento de posse. O contrato de casamento parece constituir antes um contrato de compra e venda, em que o marido toma posse da mulher e vice-versa. Cada um perde o direito de ir-e-vir e de fazer escolhas, ou melhor, pode mantê-lo, desde que referendado pelo(a) companheiro(a).

O próprio fechamento na identidade de gênero já empobrece as relações. A guerra dos sexos está instalada, e, como em toda guerra, todos os lutadores

perdem. De um lado da trincheira, as mulheres lutando pela própria afirmação com todas as armas disponíveis; ou, como no movimento que se registra no Estados Unidos, lutando para conquistar o homem com todas as armas disponíveis. Do outro lado, os homens, lutando para retomar o controle que perderam com a revolução feminina.

Onde fica a solidariedade, o respeito às diferenças e à multiplicidade?

DISCUSSÃO: COMPLEMENTARIDADE NAS RELAÇÕES DE CASAL VISTA A PARTIR DA UNIÃO ENTRE TEORIA E MÚSICA

A vida é a arte do encontro

Embora haja tantos desencontros pela vida

Vinicius de Moraes

É sobre-humano amar

José Miguel Wisnick

Quando duas pessoas se escolhem para uma vida em comum, o que estarão buscando? Que critérios presidem essa escolha? Será que acreditam ter encontrado a “outra metade da laranja” ou a “alma gêmea”, como querem as expressões populares? Será que esperam, através do amor, a garantia de que “serão felizes para sempre”, como nos contos de fadas? Será que sabem que o papel de amantes é apenas uma parcela do que vão compartilhar pela vida afora? Será que imaginam estar levando para a relação um mundo de desejos, sonhos e expectativas inconscientes?

Ah, se ao te conhecer, dei pra sonhar fiz tantos desvarios

Rompi com o mundo, queimei meus navios

Me diz pra onde é que inda posso ir

Chico Buarque

A idéia do amor como uma experiência de fusão e completude aparece, não só nas canções, expressões populares e contos de fadas como os citados acima, mas também nos mitos, na literatura (por exemplo, no belíssimo *Romeu e*

Julieta, de Shakespeare, em que o preço dessa fusão é a morte), na filosofia (como no *Banquete*, de Platão, quando descreve a primitiva natureza do homem), e em inúmeras outras produções humanas, revelando ser esse um sonho que acompanha a humanidade desde tempos imemoriais.

Você tem de me fazer um juramento

De só ter um pensamento: ser só minha até morrer.

Vinicius de Moraes

Quero ficar no teu corpo feito tatuagem

Chico Buarque

Por ser uma relação dual, e que possibilita a maior intimidade e entrega, cada um leva para a mesma expectativas irrealistas, sobretudo aquelas originadas das experiências vividas nas primeiras fases da matriz de identidade. Assim, uma das buscas do homem é a de restaurar a união simbiótica do início da vida, quando não conhecia carências nem frustrações. A paixão se dá nesse registro.

Se nós, nas travessuras das noites eternas

Já confundimos tanto as nossas pernas

Diz com pernas eu devo seguir

Se na bagunça do teu coração

Meu sangue errou de veia e se perdeu

(...)

Me explica com que cara eu vou sair

Chico Buarque

Ao mesmo tempo, há a crença no amor como inesgotável, infinito.

Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar
Desesperadamente, eu sei que vou te amar

Tom Jobim/Vinicius de Moraes

A busca do parceiro, ou melhor, para usar a terminologia sacionômica proposta por Aguiar, a escolha de alguém com quem partilhar o *projeto dramático* “casamento”, quando olhada sob o prisma do *projeto dramático manifesto*, de que fala Perazzo, leva os atores do drama a escolhas aparentemente erradas; se vista sob o aspecto inconsciente, ou seja, o *projeto dramático latente*, são as únicas que poderiam fazer. Porém, como observam Calil e Di Yorio, mesmo que a escolha pareça errada, a busca é de crescimento.

Não sei se é meu destino, não sei se é meu azar
Mas tenho de viver brigando
(...)
Se deixo de alguém por falta de carinho,
Por briga e outras coisas mais
Quem aparece no meu caminho
Tem os defeitos iguais

Lupicínio Rodrigues

O apaixonamento envolve sempre a idealização; Moreno (1983) acredita que, depois que os parceiros se conhecem, se o amor continua e chegam a se casar, é porque os fatores tólicos são “*extraordinariamente mais fortes*”. Não será uma visão excessivamente otimista do amor? Realmente, quando o amor substitui a paixão, diminui a idealização, e, nos vínculos mais saudáveis, a simbiose inicial gradualmente dá lugar à individuação. No entanto, o que se

observa na maioria dos casamentos é que as motivações inconscientes que levaram à escolha do parceiro continuam operando.

Há casos em que mesmo a simbiose continua existindo. Bustos refere-se, por exemplo, ao tipo de vínculo “duplo”, em que não há solução de continuidade entre os componentes da díade, o mundo se resume no par, e a morte de um deles costuma causar uma crise depressiva profunda. De acordo com a teoria de relações objetais, trata-se de indivíduos que, não conseguindo facilmente existir como pessoas individualizadas e tendo intensa ansiedade de separação, procuram um parceiro igualmente ansioso e, juntos, “se aderem”, como se fossem um; podem compartilhar a fantasia de comparar separação/individuação com perda irreparável, violência e sentimentos de culpa.

Oh, pedaço de mim
Oh, metade afastada de mim
leva o teu olhar
Que a saudade é o pior tormento
É pior do que o esquecimento
É pior do que se entrevar
(...)
Oh, pedaço de mim
Oh, metade adorada de mim
Leva os olhos meus
Que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo
A mortalha do amor
Adeus.

Chico Buarque

A *antropofagia* (Bustos) é uma variedade do duplo, com aparência contrária: os parceiros vivem brigando, mas não podem se separar. A dinâmica marital, segundo a teoria de relações objetais, consiste em cindir os aspectos bons e os ruins, projetando os segundos no parceiro, ficando cada um deles identificado apenas com seus aspectos bons, a salvo de si próprio, mas tendo que se defender do outro.

Eu te encarcerava
Te acorrentava
Te atava ao pé do fogão
Não te dava sopa, morena
Se eu fosse o teu patrão
Eu te encurralava
Te dominava
Te violava no chão
Te deixava rota, morena
Se eu fosse o teu patrão
(...)
E tu só pegava veneno
Beijando a minha mão
Ódio te brotava, moreno
Ódio do teu irmão
(...)

Tu me idolatrava, criança
Se eu fosse o teu patrão

Chico Buarque

Os dois exemplos acima mostram a convergência entre as formulações do psicodrama e da teoria de relações objetais: a primeira enfoca predominantemente os vínculos externos, enquanto a segunda mostra o avesso da trama: os vínculos internos.

Nos casos citados, a complementação é não-criativa, configurando uma repetição circular. No primeiro, há uma harmonia aparente, porém que não abre espaço para o novo, constituindo-se numa proteção que aprisiona e sufoca, com a ilusão de ser doce. Lembra-nos o conceito de “loucura da normalidade”, de que fala Arno Gruen (1995), que se caracteriza pela fuga ao sofrimento. *“Para aqueles que se apropriam da aparência de um comportamento ‘normal’ porque não conseguem suportar a tensão das contradições entre a realidade que nos é imposta e o mundo interior, para gente assim, muito rapidamente deixa de haver sentimentos verdadeiros. (...) São estas as pessoas que quero apresentar como realmente loucas entre nós.”* (p.26-27)

Todo dia ela faz tudo sempre igual

Me sacode às seis horas da manhã

Me sorri um sorriso pontual

E me beija com a boca de hortelã

Chico Buarque

No segundo, o casamento se constitui num inferno, necessário, entretanto, à sobrevivência do casal. Até o diferente, aí, é sempre o mesmo. Trata-se também de uma prisão, em que ambos são vítimas e algozes. De certa forma, esse tipo de vínculo é mais promissor, porque pode levar os personagens envolvidos a buscar ajuda para se libertar. Porém é também mais perigoso na

medida em que a libertação pode ser buscada através da morte - de si mesmo ou do outro.

Todo dia ele faz diferente
Não sei se ele volta da rua
Não sei se me traz um presente
Não sei se ele fica na sua
(...)
Dia ímpar tem chocolate
Dia par eu vivo de brisa
Dia útil ele me bate
Dia santo ele me alisa

Chico Buarque

Na rotina do cotidiano feminino, e no imprevisto do comportamento masculino, a conserva: a mulher que cuida, que vive em função do homem, restrita à função materna; o homem que vai para o mundo, que vive sua liberdade e autonomia (função paterna). Ambos presos nas malhas de seu papel, sempre o mesmo.

Essas relações cristalizadas repetem padrões de relacionamento, cuja mudança seria extremamente ameaçadora, tanto à relação do casal quanto a cada um dos atores do drama.

Ele é o funcionário completo
E ela aprende a fazer suspiros
Vão viver sob o mesmo teto
Até trocarem tiros
Ele fala em cianureto
E ela sonha com formicida

*Vão viver sob o mesmo teto
Até que alguém decida
(...) Vão viver sob o mesmo teto
Até que a morte os una*

Chico Buarque

Casais que se dedicam a infernizar a própria vida e a do parceiro parecem justificar a sugestão de Rubem Alves (1993) em seu texto “...*Até que a morte...*”, de ser o ódio a melhor cola para o casamento.

Transcrevo uma parte do texto (uma fala que R.Alves atribui ao diabo):

“Os casamentos mais sólidos são baseados no ódio. E sabe por que o ódio não deixa ir? Por que ele não suporta a fantasia do outro voando livre, feliz. O ódio constrói gaiolas, e ali dentro ficam os dois, moendo-se mutuamente numa máquina de moer carne que gira sem parar, cada um se nutrindo da infelicidade que pode causar no outro. As pessoas ficam juntas para se torturarem. Não menospreze o poder do sadismo. Ah! A suprema felicidade de fazer o outro infeliz!” (p. 33-34)

Outra forma de repetição se dá através dos mitos. Sonha-se com o(a) amante perfeito(a).

*Vivia a te buscar
Porque pensando em ti
Corria contra o tempo
(...)
E pela porta de trás
Da casa vazia
Eu ingressaria
E te veria*

*Confusa por me ver
Chegando assim
Mil dias antes de te conhecer*

Edu Lobo/Chico Buarque

Da mesma forma, as rígidas prescrições de papéis muitas vezes transformam o vínculo conjugal numa prisão.

*Ele é o empregado discreto
E ela engoma o seu colarinho
Vão viver sob o mesmo teto
Até explodir o ninho
Ele faz o macho irrequieto
E ela faz criança de monte
Vão viver sob o mesmo teto
Até secar a fonte
Ele às vezes cede um afeto
E ela só se despe no escuro*

*Vão viver sob o mesmo teto
Até um breve futuro*

Chico Buarque

A música de Chico, citada acima e na página 38, aponta para uma outra característica da relação conjugal: trata-se de um vínculo que congrega uma multiplicidade de papéis - de amantes, companheiros, co-responsáveis pela educação e manutenção dos filhos, e pela administração e manutenção de uma casa, além de muitos outros que vão depender do projeto de cada casal. Ou seja, envolve aspectos afetivos, sexuais, sociais, econômicos e políticos, bem como conceitos, valores e atitudes em relação a todos esses aspectos.

Característica de nossa época, o *átomo cultural*, no casamento, tem se ampliado cada vez mais.

Um conceito útil nesse sentido é o de papéis paralelos (Aguiar, 1990). *“Tem-se papéis paralelos quando, numa dada relação, a consecução do projeto comum permite ou mesmo exige o uso de modelos relacionais próprios de outras relações (ou de outros projetos). (...) No papel homem-mulher há sempre um conteúdo ‘paternal’, próprio de outro tipo de projeto, que é o papel pai-filha.”* (p.118) Considerando o que foi dito acima, penso que na relação conjugal se poderiam acrescentar muitos outros papéis paralelos, com prescrições diferentes e até contraditórias. Ao mesmo tempo, esses papéis se imbricam, às vezes, de forma criativa; outras, de forma paralisadora.

As relações saudáveis e criativas possibilitam que se viva uma multiplicidade de papéis e personagens no decorrer da vida. Assim, a complementação também muda dependendo do momento vivido pelo casal. Se um dos cônjuges vive uma situação de maior fragilidade, o outro pode complementar com a função materna, de conter e proteger; se o momento é de desafio, entra a função paterna de estimular a autonomia e auto-afirmação; se vêm os filhos, aprendem a dividir o afeto, revigorando-se através do convívio com a criança e o jovem; cada mudança traz novos desafios e oportunidades de mútua aprendizagem. Podem também experimentar inversões de papéis, ou seja, assumir funções que são tradicionalmente atribuídas ao(à) companheiro(a), possibilitando a descoberta de capacidades e interesses não imaginados. Enfim, as combinações são infinitas, quando o casal se permite a criatividade e espontaneidade em sua relação, o que implica, como observa Aguiar (1990), a capacidade de reformular sua percepção do campo sociométrico em que se situam, conferindo permanentemente o “projeto” e a própria escolha sociométrica, ou seja, reatualizando constantemente o vínculo. Como observa

Denise G. Ramos, na apresentação do livro de Di Yorio (1996), “*embora sejam inúmeros os tipos de casais, eles são finitos quando neuróticos. Só os relacionamentos saudáveis são criativos e imprevisíveis.*” (p.9)

Onde queres revólver eu sou coqueiro

E onde queres dinheiro sou paixão

Onde queres descanso sou desejo

E onde sou só desejo queres não

Caetano Veloso

Não se pense, porém, que a relação saudável não tem sofrimento. Pelo contrário, pode até, em alguns momentos, ser mais dolorosa do que a estagnação ilusória do vínculo “adaptado”. Isto porque toda relação implica conflitos, sejam estes resultantes da próprio vínculo ou do que este mobiliza, em termos do confronto com aspectos mais vulneráveis da personalidade individual e com vínculos interligados. E, no mesmo vínculo, podem se alternar momentos de criatividade com outros de destrutividade ou estagnação.

Para Merengué (1995), “*a relação amorosa, mais que qualquer outra, coloca os seres humanos próximos do céu e do inferno (muitas vezes misturados e confundidos). Dificilmente uma relação entre adultos permite tanta aproximação e tanta distância. A intensidade e a significação do vínculo permite transferencialidades e telecidades diversas e inusitadas.*” (p.70)

E ainda, referindo-se aos jogos de casais, que, a partir das idéias de Motta, classifica como circulares ou em espiral:

“A certeza da circularidade garante a ordem da subjetividade rígida. A incerteza da espiral, a desordem da criação de novas subjetividades vinculares.

“Apaixonar-se em círculo não provoca mudanças. Apaixonar-se em espiral atende aos riscos da vida, nem sempre boa, nem sempre má, mas certamente intensa.” (p.71)

“É sobre-humano amar sentir doer gozar ser feliz

(...)

a vida leva e traz

a vida faz e refaz

(...)

é sobre-humano viver

José Miguel Wisnick

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São demais os perigos dessa vida

Pra quem tem paixão

Toquinho/Vinicius de Moraes

A vivência e a reflexão sobre o vínculo conjugal quase me levam a concordar com o que me fala um amigo: “*O casamento é um milagre.*” Milagres acontecem, mas são tão raros...

Será o casamento uma instituição falida, como se apregoa há tanto tempo? Que está em crise, não há dúvida - não só em crise, mas em revolução. Houve uma mudança radical nos papéis dentro da família, e na própria configuração da família, que hoje assume mil formas diferentes. Para completar o caos, o mundo muda em velocidade vertiginosa, trazendo a cada momento novas informações, criando novas exigências, abrindo novas possibilidades.

A família era a garantia de estabilidade, e hoje está imersa nesse caos. Porém, não é do caos que surge a criação? Por outro lado, no meio do terremoto, somente poderão se manter as edificações construídas com um molejo, uma flexibilidade, que lhes permita acompanhar os movimentos provocados pelo tremor de terra.

Para o casamento sobreviver e criar nesse caos, só vejo uma saída: a multiplicidade e a invenção. Rubem Alves, numa palestra sobre erotismo, sugeriu que o casamento só é possível se o casal viver numa casa com alas separadas: uma para cada parceiro e outra comum, para quando desejarem se

encontrar. As áreas privativas só poderiam ser visitadas a convite, e é regra de boa educação que não se critique os aposentos do anfitrião.

Penso que isto pode ser verdadeiro sobretudo num sentido simbólico na vivência do casal. Que cada um tenha espaços privativos (internos e externos), que o outro não tem o direito de invadir - pode apenas visitar quando convidado, porém realmente como convidado, sem direito a interferir ou criticar. Ao mesmo tempo, cada um será livre para receber outros convidados - ou seja, para escolher com quem deseja viver a complementaridade em alguns ou em todos os papéis - dependendo do projeto e da negociação de cada casal, e podendo variar em diferentes momentos. Livre também para a solidão, para estar consigo mesmo, sem que isto seja interpretado pelo outro como abandono.

Indispensável também que o espaço de convivência seja amplamente utilizado, ou seja, que o casal possa construir e compartilhar múltiplas cenas, em que haja trocas reais entre os atores.

Viver apenas na ala comum representa a simbiose, que sufoca e não abre espaço para a criatividade, porém fechar-se nas alas separadas equivale a habitar um deserto, em que a intimidade não pode entrar.

O tamanho da “casa” e a distribuição dos “cômodos” dependerão também do projeto de cada casal. Será, porém, indispensável que a construção tenha flexibilidade, ou seja, que garanta a possibilidade de abrir novas portas e janelas, erguer ou derrubar divisórias e construir novos espaços, para abrigar as transformações do vínculo e dos parceiros conjugais.

Em síntese: que a posse dê lugar ao compartilhar; a simbiose, à complementaridade; a cristalização, à invenção.

Será que descrevi uma utopia? Ou será que o que descrevi não pode mais ser chamado de “casamento”, da forma como este é entendido atualmente?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AGUIAR, M. **O Teatro Terapêutico: Escritos psicodramáticos.** Campinas, Papirus, 1990.
1. ALVES, R. “...*Até que a morte...*” In: _____ **O Retorno e Terno.** 2ª edição. Campinas, Papirus, 1993.
1. BLEICHMAR, E.D. **O Feminismo Espontâneo da Histeria.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
1. BUSTOS, D.M. **Perigo... Amor à Vista.** São Paulo, Aleph, 1990.
1. CALIL, V.L.L. **Terapia Familiar e de Casal: Introdução às Abordagens Sistêmica e Psicanalítica.** São Paulo, Summus, 1987. (Novas Buscas em Psicoterapia, v.31)
1. CHAUI, M. **Repressão Sexual: Essa nossa (des)conhecida.** São Paulo, Brasiliense, 1984.
1. DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia.** Lisboa, Assírio & Alvim, 1966.
1. DI YORIO BENEDITO, V. **Amor Conjugal e Terapia de Casal: Uma abordagem arquetípica.** São Paulo, Summus, 1996.
1. FREUD, S. (1912) “*A dinâmica da transferência*”. In: _____ **SE das Obras Psicológicas Completas.** Rio, Imago, 1976. v. XII.
1. GRUEN, A. **A Loucura da Normalidade.** Lisboa, Assírio & Alvim, 1995.
1. MERENGUÉ, D. *Jogos de casal: esconder e encontrar o protagonista.* In: MOTTA, J. (org.) **O Jogo no Psicodrama.** São Paulo, Ágora, 1995.
1. MINUCHIN, S.; NICHOLS, M.P. **A Cura da Família: Histórias de esperança e renovação contadas pela terapia familiar.** Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1995.
1. MORENO, J.L. **Psicodrama.** São Paulo, Cultrix, 1993.
1. _____ **Fundamentos do Psicodrama.** São Paulo, Summus, 1983.

1. _____ **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama.** São Paulo, Mestre Jou, 1974.
1. MOTTA, J.M.C. **Jogos: Repetição ou criação?** Abordagem **Psicodramática.** São Paulo, Plexus, 1994. p.53-75
1. NAFFAH NETO, A. **A Psicoterapia em Busca de Dioniso: Nietzsche visita Freud.** São Paulo, EDUC/Escuta, 1994.
1. _____ **O Inconsciente como Potência Subversiva.** São Paulo, Escuta, 1991.
1. _____ **Psicodrama: Descolonizando o Imaginário.** São Paulo, Brasiliense, 1979.
2. _____ **Psicodramatizar: ensaios.** São Paulo, Ágora, 1980.
1. PERAZZO, S. **Ainda e Sempre Psicodrama.** São Paulo, Ágora, 1994.
1. PICHON-RIVIÈRE, E. **O Processo Grupal.** São Paulo, Martins Fontes, 1982a.
1. _____ **Teoria do Vínculo.** São Paulo, Martins Fontes, 1982b.
1. VOLPE, A.J. - **Édipo: Psicodrama do destino.** São Paulo, Ágora, 1990.